

Do sofrimento generalizado à ética do singular: ecos da experiência analítica na pólis

Amanda Zanetti e Daniela Scheinkman

Resumo

O presente artigo analisa como o sofrimento é capturado e instrumentalizado pela aliança entre os discursos hegemônicos do neoliberalismo, do cientificismo e da medicalização, e as consequências disso na produção de subjetividades adaptadas, produtivas e felizes. Nesse contexto, observa-se a ascensão de práticas clínicas voltadas à produtividade, ao bem-estar mensurável e à adaptação social, promovendo o apagamento de dimensões fundamentais da experiência humana. Em contraposição, a psicanálise, ao sustentar um lugar de escuta do sujeito do desejo, posiciona-se de forma crítica e dissonante diante da colonização e da generalização do sofrimento. Essa diferença repercute diretamente na ética que orienta a práxis do psicanalista, colocando-o em constante tensão com os discursos dominantes da cultura, da ciência e do mercado. Por fim, o artigo explora as consequências dessa distinção não apenas no plano clínico, mas também nos âmbitos ético e político, à medida que o psicanalista se constitui como figura discursiva que introduz uma fissura na normatividade contemporânea.

Palavras-chave:

Sofrimento; Neoliberalismo; Clínica; Psicanálise; Ética.

From generalized suffering to the ethics of the singular: echoes of the analytic experience in the polis

Abstract

This article analyzes how suffering is captured and instrumentalized through the alliance of hegemonic discourses of neoliberalism, scientism, and medicalization, and the consequences of this dynamic in the production of adapted, productive, and happy subjectivities. In this context, there is a rise of clinical practices aimed at productivity, measurable well-being, and social adaptation, promoting the erasure of fundamental dimensions of human experience. In contrast, psychoanalysis, by upholding a space for listening to the subject of desire, takes a critical and dissonant stance against the colonization and generalization of suffering. This difference

directly affects the ethics that guide the psychoanalyst's praxis, placing them in constant tension with the dominant discourses of culture, science, and the market. Finally, the article explores the implications of this distinction not only on the clinical level but also within ethical and political spheres, as the psychoanalyst emerges as a discursive figure who introduces a fissure in contemporary normativity.

Keywords:

Suffering; Neoliberalism; Clinical practice; Psychoanalysis; Ethics.

Del sufrimiento generalizado a la ética de lo singular: ecos de la experiencia analítica en la polis

Resumen

El presente artículo analiza cómo el sufrimiento es capturado e instrumentalizado por la alianza entre los discursos hegemónicos del neoliberalismo, el cientificismo y la medicalización, así como las consecuencias de esta dinámica en la producción de subjetividades adaptadas, productivas y felices. En este contexto, se observa el auge de prácticas clínicas orientadas a la productividad, el bienestar medible y la adaptación social, promoviendo el borramiento de dimensiones fundamentales de la experiencia humana. En contraposición, el psicoanálisis, al sostener un lugar de escucha del sujeto del deseo, se posiciona de forma crítica y disonante frente a la colonización y generalización del sufrimiento. Esta diferencia repercute directamente en la ética que orienta la praxis del psicoanalista, colocándolo en tensión constante con los discursos dominantes de la cultura, la ciencia y el mercado. Finalmente, el artículo explora las consecuencias de esta distinción no solo en el plano clínico, sino también en los ámbitos ético y político, en la medida en que el psicoanalista se constituye como una figura discursiva que introduce una fisura en la normatividad contemporánea.

Palabras clave:

Sufrimiento; Neoliberalismo; Clínica; Psicoanálisis; Ética.

De la souffrance généralisée à l'éthique du singulier : échos de l'expérience analytique dans la polis

Résumé

Cet article analyse comment la souffrance est capturée et instrumentalisée par l'alliance des discours hégémoniques du néolibéralisme, du scientisme et de la médicalisation, ainsi que les conséquences de cette dynamique dans la production de subjec-

tivités adaptées, productives et heureuses. Dans ce contexte, on observe la montée de pratiques cliniques centrées sur la productivité, le bien-être mesurable et l'adaptation sociale, entraînant l'effacement de dimensions fondamentales de l'expérience humaine. En contrepoint, la psychanalyse, en maintenant un espace d'écoute du sujet du désir, adopte une position critique et dissonante face à la colonisation et à la généralisation de la souffrance. Cette distinction affecte directement l'éthique qui oriente la praxis du psychanalyste, le plaçant en tension permanente avec les discours dominants de la culture, de la science et du marché. Enfin, l'article explore les répercussions de cette distinction, non seulement sur le plan clinique, mais aussi sur les plans éthique et politique, dans la mesure où le psychanalyste se constitue comme une figure discursive introduisant une faille dans la normativité contemporaine.

Mots-clés :

Souffrance ; Néolibéralisme ; Clinique ; Psychanalyse ; Éthique.

Introdução

O homem falsifica valores, falsifica gestos, falsifica sentimentos. O homem se falsifica pros outros, o homem se falsifica para si próprio, de forma que o sujeito que consegue um mínimo de autenticidade, esse é um herói. E eu me sinto de vez em quando um pouco herói porque acho que conquistei esse mínimo de autenticidade. (Nelson Rodrigues)

Na vida, escutamos alguns ditos que nos atravessam e se eternizam por seu valor de marca: nos reconhecemos na palavra e a incorporamos como a um saber. É dessa ordem nosso encontro com a frase emblemática de Contardo Calligaris: “Não quero ser feliz, quero é ter uma vida interessante.” Calligaris nos demonstra o tipo de dizer que é produto do atravessamento da experiência analítica, à medida que desvela a dimensão ética do desejo e suas consequências na vida daquele que topou essa empreitada.

A frase de Calligaris causou tanto alvoroço que, como o próprio psicanalista nos conta, foi condenado a falar dessa questão, ou seja, sobre o que seria a felicidade em contraponto a uma vida interessante. É claro que o impacto dessa assertiva encontra ecos na tensão que produz diante dos tempos que vivemos, marcados pelo sofrimento generalizado, que, longe de ser compreendido em sua complexidade, vem sendo capturado e instrumentalizado pelos discursos hegemônicos do neoliberalismo, do cientificismo e da medicalização.

Ao abordar o avanço da ciência em aliança com o discurso capitalista e seus efeitos no movimento das civilizações, Lacan expõe a imposição de uma lógica discursiva que soterra o sujeito barrado — por excelência, o sujeito da diferença —,

que se vê impossibilitado de responder por seu sintoma e por seu corpo. Em *Alocação sobre as psicoses da criança*, ele utiliza o termo da criança generalizada para retratar a condição do sujeito contemporâneo como sujeito-dejeto, objeto do gozo da ciência, incapaz de localizar o real em jogo no sofrimento e o mal-estar na cultura (Lacan, 1967/2003a).

É nesse contexto que as práticas clínicas amplamente difundidas nos campos da psiquiatria e da psicologia são, muitas vezes, organizadas sob o ideal de eliminação do sofrimento e da busca pela adequação às normas e às orientações sociais. Assim, os imperativos da felicidade, da produtividade e da eficiência invadem o campo da saúde mental, apagando a experiência da singularidade, ao oferecer saberes totalizantes e respostas padronizadas que serviriam a todos.

Em contraposição a essa lógica, a psicanálise se apresenta como prática dissidente em relação aos discursos hegemônicos, que repercute nas instituições em que se insere, na posição ética do psicanalista na clínica e na cultura, na diferença entre sua formação e a de outros profissionais psis, entre outras. Para Barreto (2017), a psicanálise pode ser pensada como um movimento de contracultura que assusta a ordem vigente, ao denunciar o *status quo* da civilização, sua moral sexual hipócrita e a consciência como centro da verdade.

O ponto de partida deste artigo toma a provocação de Contardo Calligaris como contendo o cerne da experiência analítica, entendida como a possibilidade de sustentar uma existência que não se pauta por nenhum modelo de vida ou ideal de completude, mas pela invenção singular do viver. Interessa-nos, portanto, explorar o lugar que a psicanálise ocupa hoje como prática ética e política diante da homogeneização de nossa época, em intensão e em extensão. Para isso, partimos da análise do sofrimento na contemporaneidade e das respostas dadas por práticas clínicas dominantes, contrastando-as com a ética e a práxis psicanalítica, a fim de delinear o que pode emergir quando o discurso analítico entra em cena na pólis.

A máquina contemporânea e o sofrimento domesticado

Quem se dedica ao ofício da escuta e se dispõe a receber, em seus consultórios ou em quaisquer outros dispositivos, um sujeito que aposta — aposta essa cada vez mais ousada nos tempos atuais — que a palavra e a fala são capazes de produzir um caminho possível para o sofrimento, sabe que a clínica tradicional continua marcada pelo paradigma biomédico e pela associação entre sofrimento e doença.

Devemos esse cenário não a uma simples recusa da medicina ou da psicologia em transformar seu fazer; pelo contrário, descobrimos que há discursos e lógicas que operam sobre essas áreas, submetendo-as às ideologias dominantes e aos discursos de poder de sua época. Assim, não realizam o que Fanon (1952/2020)

defendia como o objetivo fundamental das práticas de saúde mental, que é constituir-se como instrumento de desalienação.

Quando fundado em 1930, o neoliberalismo foi considerado um modelo socioeconômico caracterizado pela defesa da propriedade privada e da livre concorrência do mercado sob proteção do Estado (Sousa, 2021). Contudo, à medida que avançava, os aspectos econômicos se estenderam para diversas esferas do governo e da cultura, construindo novas lógicas de funcionamento, pautadas no produtivismo e na competição, que criaram um modo de vida nas sociedades contemporâneas.

A orientação ideológica do neoliberalismo sustenta-se em três pilares fundamentais: a desigualdade, como exclusão socioeconômica e assimetria das condições na esfera do trabalho; a competição, como motor do desenvolvimento subjetivo/individual e econômico/social; e a eficiência, como característica moral na conquista do sucesso (Neto, 2009). Os efeitos disso construíram uma sociedade marcada pela supervalorização da exploração do trabalho e de uma produtividade sempre crescente, bem como do consumismo, do individualismo e da eficácia como princípios e valores a serem buscados.

Esse novo modelo de vida produz sujeitos que se percebem como empresários de si mesmos, orientando suas compreensões e ações segundo a lógica do capital, da otimização e da produção. Segundo Safatle (2021), esse tipo de organização social produz novas definições de normalidade psicológica:

Podemos encontrar um profundo trabalho de design psicológico, ou seja, de internalização de predisposições psicológicas visando à produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida. (Safatle, 2021, p. 30)

Assim, o neoliberalismo opera como uma espécie de psicologia moral do sofrimento, ao resgatar formas de disciplinas sociais saneadoras segundo a ordem de uma biopolítica que opera sobre os corpos (Foucault, 1979/2008). Muitas abordagens de tratamento psiquiátricos e psicoterápicos não impõem resistência a esses discursos da eficácia e do imediatismo, promovendo, assim, processos em massa de normatização/patologização e, conseqüentemente, de medicalização da vida.

De acordo com Safatle (2021), a terapia cognitivo-comportamental (TCC) evidencia de que forma algumas práticas psicoterápicas adotam padrões de avaliação e gerenciamento advindos do contexto empresarial, como: “organização das intervenções em um conjunto limitado de *steps*, o foco no aqui e agora, a definição clara e prévia de resultados a serem alcançados, o estabelecimento de padrões de mensuração para a tomada de decisões, entre outras” (Safatle, 2021, p. 32).

Essas práticas de saúde são formas disciplinares sustentadas em controle político, que atendem aos interesses de uma ideologia de bem-estar e saúde que busca tornar as pessoas mais adequadas às modalidades de funcionamento social, portanto obedientes e suscetíveis aos diversos tipos de exploração.

A influência do discurso científico sobre a medicina conduziu a psiquiatria, como disciplina médica, a localizar a doença no corpo, o que implica a redução da mente ao cérebro e a demanda de criação de critérios objetivos para mensurar emoções e pensamentos. Então, a psiquiatria recorreu à elaboração de sistemas classificatórios, como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças (CID), que, apesar de se pretenderem atóricos, foram fortemente influenciados pelas teorias comportamentalistas, ao padronizar o sofrimento psíquico por meio de categorias quantificáveis, às custas de uma simplificação da experiência humana (Silveira, 2021).

Esse modelo de gestão social do sofrimento articula-se com a exploração intensa de fármacos e psicoterapias, construindo um movimento de patologização e medicalização. Vale ressaltar que, ao utilizar o termo medicalização, não estamos falando sobre os benefícios do uso de psicotrópicos, mas sobre o processo que, segundo Edington (2012), transformam sofrimentos de ordem sociopolítica em doenças e desordens psíquicas individuais, passíveis de tratamento médico.

A consolidação das redes sociais como ferramenta de divulgação profissional e comercialização de serviços, aliada à migração dos atendimentos para o formato *online* — intensificada pela pandemia de covid-19 —, impulsionou significativamente a disseminação dos discursos sobre saúde mental e popularizou esse modelo de atuação entre profissionais da área (Lima & Arruda, 2023).

A despeito dos efeitos positivos na promoção desse debate, essa aliança favorece a narrativa normativa e normalizadora de que todo mal-estar é passível de correção por meio da intervenção de profissionais “psis”, legitimando sua função como agentes de promoção da saúde mental. Assim, os discursos dominantes da ciência e do capital vêm gradativamente absorvendo a clínica contemporânea, promovendo uma espécie de saúde mental positiva.

É nesse cenário que a clínica psicanalítica recupera seu caráter subversivo, ao não se guiar por ideais de adaptação ou cura, constituindo-se em uma forma de resistência ética e política aos discursos dominantes. O estatuto ético da posição do psicanalista é o operador de um discurso que não se submete à moralidade normativa ou à racionalidade produtivista, posicionando-se de maneira crítica e dissonante diante da colonização do sofrimento e das identificações por categorias ontológicas que circulam na pólis.

Ao mobilizar o discurso do psicanalista, o laço e, ao mesmo tempo, o corte entre saber e verdade, uma vez que dessa última só se pode meio-dizer, faz-se com

que cada análise seja singular, por não se tratar de um único sentido. A psicanálise transcende o sentido, ao tocar na suposição de um sujeito ao saber inconsciente (Scheinkman, 2023). Afinal, no *Discurso da Escola Freudiana de Paris*, ao se referir ao analista na posição de objeto *a*, Lacan diz:

O psicanalista, como dizem, aceita sem problema ser merda, mas não sempre a mesma. Isso é interpretável, sob a condição de que ele se aperceba de que ser merda é verdadeiramente o que quer, a partir do momento em que se torna testa-de-ferro do sujeito suposto saber. (Lacan, 1967/2003b, p. 281)

A ética da psicanálise e a promessa da felicidade

Ao admitir a existência do inconsciente, a psicanálise opera uma leitura do *cogito* cartesiano pelas vias de uma subversão do sujeito da consciência, formulado no “penso, logo sou” para o sujeito do inconsciente, formulado como “penso, lá onde não sou”. Segundo Perez (2016), Freud e Lacan propõem os fundamentos que tornaram possível abordar as manifestações do inconsciente considerando sua expressão singular, sem recorrer à regularidade normativa. Essa distinção é determinante para compreender como o discurso analítico se diferencia do discurso da ciência.

Com a descoberta do inconsciente e de suas leis operatórias próprias, a psicanálise inaugura um novo modo de compreender a experiência humana. Segundo Lacan (1954-1955/1985), Freud realiza uma revolução copernicana que subverte as noções de unidade e autonomia do sujeito, presentes na formulação cartesiana, ao reposicioná-lo a partir da noção de sujeito dividido. Assim, o surgimento da noção de um sujeito não tributário do *logos* produz consequências na elaboração de uma práxis clínica que não pode ser pensada a partir da perspectiva de um sujeito centrado na consciência.

Em “Conferências introdutórias à psicanálise”, Freud (1917/2014) expõe o que faz um psicanalista que o diferencia de outras abordagens do sofrimento. O contraste não está nas diferenças teóricas sobre o sofrimento, mas na posição que o psicanalista sustenta diante dele. O que diferencia sua posição da ocupada pelo médico é, fundamentalmente, a relação com o saber: enquanto o médico propõe um tratamento baseado no saber prévio e generalizado, garantido por sua formação profissional, o psicanalista busca promover a produção de um saber que advirá do lado do paciente.

No texto “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/2010) se ocupa do conflito existente entre a experiência de satisfação singular de cada sujeito e as exigências morais da sociedade, encontrando na moral civilizatória um dos fatores mais importantes na etiologia das neuroses. Assim, para manter a especificidade da psi-

canálise no tratamento das neuroses, não se poderia submetê-la a nenhuma deontologia, já que a análise se constitui como uma prática cuja operação essencial se sustenta no alcance da palavra sob transferência, o que a distingue das outras.

Retomando a discussão clássica iniciada por Aristóteles sobre a felicidade como finalidade da vida humana, Freud insere-se nesse debate dizendo que a felicidade é aquilo que o homem deseja realizar segundo a experimentação de intensos prazeres e a ausência total de experiências de desprazer. Contudo, “ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’” (Freud, 1930/2010, p. 30).

Nem Freud, nem Lacan anunciaram algo parecido com uma filosofia de vida ideal em qualquer uma de suas formas; pelo contrário, se há uma cura na experiência analítica, ela diz respeito à queda desse ideal, como aponta Perez (2016). No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan retoma a discussão com Aristóteles ao reafirmar que é a felicidade aquilo que o sujeito demanda, mas, na experiência analítica, essa questão é abordada em um nível radicalmente distante de qualquer formulação de uma disciplina da felicidade ou de um Bem Supremo. Aqui, Lacan é categórico: “não há nada parecido na análise, observem bem” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 343).

Portanto, a ética que opera na análise não trabalha a favor de alcançar os interesses da racionalização moralizante e dos serviços de bens privados, ou seja, a posição da ética tradicional aristotélica. A ética da psicanálise está absolutamente implicada na dimensão da experiência trágica da vida, sendo ela que orienta o analista em sua práxis.

Eis o que convém lembrar no momento em que o analista se encontra em posição de responder a quem lhe demanda a felicidade. A questão do Bem Supremo se coloca ancestralmente para o homem, mas ele, o analista, sabe que essa questão é uma questão fechada. Não somente o que se lhe demanda, o Bem Supremo, é claro que ele não o tem, como sabe que não existe. Ter levado uma análise a seu termo nada mais é do que ter encontrado esse limite onde toda a problemática do desejo se coloca. (Lacan, 1959-1960/1988, p. 351)

Para Castro (2020), é justamente o desejo do psicanalista — advertido da incompletude originária como produto de uma análise levada até seu fim e, portanto, próximo à experiência trágica da vida — que funciona como operador ético da psicanálise, suportando as condições de uma práxis sustentada em um reposicionamento radical nos termos de sua relação com o desejo.

Assim, a dimensão trágica da experiência analítica é o elemento que serviria de contraponto fundamental à moral civilizatória, aos serviços de bens e à finalida-

de terapêutica, sendo essa finalidade um dos grandes riscos que se apresentam à psicanálise, pois “a psicoterapia, qualquer que seja, estanca, não que ela não faça algum bem, mas ela conduz ao pior” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 21).

Enquanto a finalidade terapêutica encontrada nas psicoterapias se sustenta em uma ética baseada nas virtudes e nos direitos, na busca pelo bem-estar e pela saúde mental positiva, que revela certo ideal de harmonia e, portanto, de felicidade, a psicanálise, segundo o aforisma lacaniano de que “não há relação sexual”, assegura a experiência da impossibilidade da harmonia, da completude e do apaziguamento totalitário da angústia.

Essa dimensão trágica é atestada na medida em que o sujeito, incompleto por estrutura, faltante por estrutura, não comporta a conciliação totalitária aos ideais sociais de felicidade, que em sua essência são ideologias normalizantes. Desse modo, o sujeito está impossibilitado, por estrutura, de alcançar a ordenação dos bens e garantir a felicidade plena como um ideal universal, restando-lhe a possibilidade de uma conversão radical de uma ética do singular.

É preciso estar atento aos riscos de o método psicanalítico enveredar para uma prática de poder, dado o fato da potência tentadora da ambição terapêutica e educativa de fazer o bem, que inviabiliza a autonomia por impedir que cada um possa semidizer sua verdade e inventar a seu modo uma forma de viver, gozar e desejar (Maesso, 2020). Dessa maneira, uma ética do bem-dizer é capaz de produzir deslocamentos nas formas de viver e de se estar no laço social.

Considerações finais

Esta discussão não pretende emitir juízos morais sobre o tempo presente. Ainda que críticas sejam feitas às práticas hegemônicas, reconhece-se que nem todas as abordagens da medicina e da psicologia estão submetidas à mesma lógica neoliberal. A análise do sofrimento contemporâneo exige a inclusão de um debate interdisciplinar entre diversas áreas das ciências humanas, a fim de evidenciar a importância de compreender a experiência do sofrimento em sua complexa articulação com questões sócio-históricas, políticas e econômicas.

A psicanálise, ao sustentar uma ética própria pela via do desejo e da singularidade, não se oferece como forma de adaptação, mas produz um corte nos discursos dominantes que promovem a padronização, a medicalização e o apagamento do sujeito. Nesse sentido, uma prática analítica que tem em seu horizonte a subjetividade de sua época participa com seu discurso dos espaços da cidade sem propor soluções gerais, mas sustentando uma práxis ética e política, interessada no sujeito e em sua singularidade.

O cerne da experiência analítica se inicia onde as abordagens clínicas tradicionais que operam com ideais de adaptação e bem-estar mensurável fracassam, não

por falta de recursos conceituais, mas porque a linguagem encontra seu limite. Por fim, o sofrimento, na medida em que não pode ser eliminado, torna-se o ponto de partida para a criação de outra relação com a vida. E, ao afirmar o valor do que escapa e do que singulariza, a psicanálise oferece ao sujeito a possibilidade de viver, quem sabe, não uma vida feliz, mas uma vida interessante.

Referências bibliográficas

- Barreto, R. A. (2017). Sobre o futuro da psicanálise no mundo das coisas. *Estudos de Psicanálise*, (48), 79-88. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200009&lng=pt&tlng=pt
- Bethencourt, J. (Dir.). (1968). *Fragmentos de dois escritores* [Filme documentário curta-metragem]. Brasil: Consulado dos Estados Unidos. Recuperado de <http://www.youtube.com/watch?v=DCmEpq0rC2I>
- Castro, J. E. (2020). O desejo do psicanalista como operador ético da psicanálise. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(1), 12-20. Recuperado de <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5628>
- Edington, V. L. T. (2012). *A medicalização da infância: uma leitura psicanalítica*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. Bahia. Brasil. Recuperado de https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/vera_edington.pdf
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1952)
- Foucault, M. (2008). *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2003a). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359- 368). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003b). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 265-287). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)

- Lima, L. S. M., & Arruda, A. B. (2023). Psicólogos no Instagram: a abordagem de transtornos mentais e a patologização da vida neste espaço. *Revista Diálogo e Interação*, 17(2). Recuperado de <https://www.revista.faccrei.edu.br/revista-dialogo-e-interacao/article/view/183>
- Maesso, M. C. (2020). A estratégia da transferência na psicanálise como contradispositivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36(spe). Recuperado de <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe12>
- Neto, A. R. M. (2009). Neoliberalismo e gozo. In Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória & Faculdade de Direito (Orgs), *A lei em tempos sombrios* (pp. 51-68). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Perez, D. O. (2016). A psicanálise como experiência ética e o problema da cientificidade. *Revista Subjetividades*, 9(4), 1203-1232. Recuperado de <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4907>
- Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In V. Safatle, N. S. Junior & C. Dunker (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 15-34). Belo Horizonte: Autêntica.
- Scheinkman, D. (2023). *Dos amores com a verdade à ética do bem-dizer: declínio da interpretação?* Trabalho apresentado na Jornada do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
- Silveira, L. (2021). Existirmos, a que será que se destina? Considerações da psicanálise para a ética no contexto das práticas de saúde mental. *Diálogos Interdisciplinares em Psiquiatria e Saúde Mental*, 1(1), 8-14. Recuperado de <https://revistas.uece.br/index.php/dipsm/article/view/7330>
- Sousa, C. M. S. (2021). *As novas formas de enfrentamento da angústia e suas relações com o discurso neoliberal*. Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21602>

Recebido: 30/04/2025

Aprovado: 21/06/2025